

A PROFISSIONALIZAÇÃO E O PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO: DESAFIOS PARA O FUTEBOL DE MULHERES NO SÉCULO XXI

BRUNA ESCOBAR DA SILVA¹; **CAMILA DIETRICH DE SÁ BRITTO²**; **AMANDA FRANCO DA SILVA³**; **LUIZ CARLOS RIGO⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas; bruuna.escobar@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas; camilasabritto@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas; amandafrancodasilva@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas; rigoperini@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O futebol moderno adentra o século XXI como o “esporte das Multidões” (GIULIANOTTI, 2002; ROBERTSON, R e GIULIANOTTI, 2006). Apesar dessa legitimidade que o transformou em uma das principais expressões culturais da modernidade, às vezes, o futebol ainda é criticado por reforçar a tese do esporte moderno como “uma área masculina reservada” (DUNNING, 1993, p. 391).

Essas críticas do futebol como instrumento de discriminação de gênero estão relacionadas ao lugar que o “futebol de mulheres” (GOELLNER, 2005) ocupou no decorrer do século XX. Similar ao ocorrido nas outras modalidades esportivas, na grande maioria das culturas e dos países, o futebol jogado por mulheres esteve longe de ter o apoio e o incentivo que teve o futebol praticado por homens. Além disso, no Brasil, por exemplo, o futebol de mulheres não apenas careceu de incentivo como foi alvo de interdição. Proibido pelo decreto-lei n. 3199 de 14 de abril de 1941, essa interdição estendeu-se até o ano de 1979, (CASTELLANI, 1988).

Essa intervenção/proibição não apenas reforçou o preconceito perante o futebol jogado por mulheres, mas também ajudou a criar novos estereótipos de gênero no futebol, como, por exemplo, o discurso de que mulher não combina com futebol. Esse longo período de intervenções legais e de discursos oficiais referendou uma postura de descompromisso, de desqualificação e desleixo para com o futebol jogado por mulheres de parte das federações e dos clubes, ao logo de toda a segunda metade do século XX (ALMEIDA, 2018; RIAL, 2013; RIGO et. al. 2008).

Principalmente a partir do século XXI, acompanhamos um movimento de reconfiguração do futebol de mulheres, tanto no cenário nacional como internacional. Todavia, no Brasil ele ainda está longe de ter o reconhecimento e a visibilidade similar ao futebol masculino, ou similar aos avanços e as conquistas que alcançou em países, como, os Estados Unidos, a Suécia, a China e a Alemanha, (TEIXEIRA, CAMINHA, 2013; ALMEIDA 2013; KESSLER, 2016).

Neste contexto, esta pesquisa que se encontra no estágio de análise dos dados, tem como objetivo principal analisar o estado do futebol jogado por mulheres no cenário brasileiro.

2. METODOLOGIA

O corpus empírico da pesquisa constitui-se de uma entrevista semiestruturada com duas futebolistas da equipe do Pelotas Phoenix e com o coordenador do departamento de futebol feminino do Esporte Clube Pelotas, fundador e técnico da equipe Pelotas Phoenix. A entrevista com as futebolistas ocorreu dias antes de elas transferirem-se para jogar em uma liga universitária de

futebol feminino dos Estados Unidos. Além disso, também se realizou uma análise das entrevistas disponíveis no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (<http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma sistematização preliminar das entrevistas realizadas e corroboradas com as entrevistas arquivadas destacou uma série de questões referente à atualidade do futebol jogado por mulheres no Brasil. Diferente do que predominou no século XX e na primeira década do século XXI, em que o desafio maior era superar os discursos e as práticas machistas e sexistas, nossa pesquisa identificou que conforme os discursos das próprias futebolistas, o maior desafio que atualmente coloca-se para o futebol jogado por mulher no Brasil é o da profissionalização desse esporte e de uma maior participação de torcedores aos estádios nos jogos de futebol de mulheres.

Apesar de estarem ausentes, as práticas e os discursos machistas e sexistas não se constituem nos principais problemas para as futebolistas da atual geração. De acordo com as entrevistas analisadas, os principais obstáculos enfrentados dizem respeito à carreira como futebolista. As entrevistadas destacaram a escassez das possibilidades de profissionalização no cenário nacional, em decorrência dos poucos clubes de futebol que fazem algum tipo de investimento no futebol feminino. Isso se soma aos descasos das federações que não organizam competições regionais, estaduais e nacionais, capazes de oportunizar que um número maior de futebolistas possam disputar competições que se estendem ao longo do ano.

Outro componente do estágio atual do futebol jogado por mulheres no Brasil é a ausência de pertencimento clubístico. A não existência de clubes de futebol de mulheres de longa duração não possibilitou a constituição de um número significativo de torcedores e torcedoras deste ou daquele clube. Entre os adeptos do futebol de mulheres no Brasil predomina admiradores, espectadores e defensores e poucos são os torcedores ou torcedoras clubistas.

A ausência de um grande número de indivíduos com sentimentos clubistas é uma das grandes diferenças existente entre o futebol brasileiro jogado por mulheres e o jogado por homens. Essa diferença é um dos fatores relacionados com a dificuldade que o futebol feminino continua tendo para levar um grande público de assistentes e ou torcedores aos estádios. Fato este que influência para que o futebol de mulheres tenha dificuldade para conquistar uma maior visibilidade no campo midiático.

4. CONCLUSÕES

Os dados obtidos até o momento assinalam que apesar das conquistas alcançadas nos últimos anos, no Brasil ainda são raras as oportunidades que as futebolistas encontram para se profissionalizarem. Essa situação tem levado a um êxodo crescente de futebolistas brasileiras, principalmente para a Europa, para os Estados Unidos e para China. A inexistência de uma profissionalização no Brasil consolidada no futebol de mulheres faz com que os clubes de futebol que possuem equipes femininas não consigam se consolidar como clubes de futebol feminino capazes de forjar pertencimento clubistas, conquistar torcedores, consequentemente, levar um público maior aos estádios e alcançar um lugar de maior reconhecimento no campo midiático e no sistema futebolístico brasileiro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, C. S. De. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2018.
- ALMEIDA, C. S. DE. **“BOAS DE BOLA”: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia social, 2013.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papirus, 1988.
- ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel Difusão Editora, 1992.
- KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserção no futebol.** Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2016.
- GIULIANOTTI, R. **Sociología do futebol - Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- RIAL, C. **El invisible (y victorioso) fútbol practicado por mujeres en Brasil.** Nueva Sociedad. n. 248 p. 114-126. Novembro – Dezembro, 2013. Disponível: <http://nuso.org/articulo/el-invisible-y-victorioso-futbol-practicado-por-mujeres-en-brasil/>
- RIGO, L. et al. **Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.** Revista Brasileira Ciência do Esporte, v. 29, n. 3, maio 2008.
- TEIXEIRA, F; L; S.; CAMINHA, I. DE O. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.** Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, 2013.
- GOELLNER, S. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.
- ROBERTSON, R e GIULIANOTTI, R. **Fútbol, globalización y glocalización.** Revista Internacional de Sociología (RIS). España, v. 64, n 45, p. 9-35, 2006